



Rasland Costa de Luna Freire

"HISTÓRIA DOS CABARÉS DE NATAL
NAS DÉCADAS DE 1940 E 1950

Monografia apresentada ao
Departamento de História da UFRN.
Válida como 3ª Avaliação da
Disciplina Pesquisa Histórica II.

Natal/RN, 1993



APRESENTAÇÃO

O que seria das mocinhas recatadas de famílias cristãs, se não fossem as sedentas prostitutas à satisfazarem os instintos animais do desejo carnal masculino.

Rasland Costa de Luna Freire.



AGRADECIMENTOS

Agradeço à: Deus, minha mãe, minha orientadora Marlene Mariz, a professora Francisca Aurinete, ao Sr. José Laurentino, Otávio Teixeira, Franklin Cabelereiro, Luciano Chapel, Dona Selma, Gerardo Hasbun, e principalmente ao meu orientador Antônio Ribeiro Dantas. Por tudo que fizeram para a concretização desta pesquisa.



SÚMARIO

1 - INTRODUÇÃO	1
2 - I CAPÍTULO	2
2.1 - A Prostituição	3
3 - II CAPÍTULO	5
3.1 - Os Cabarés	6
4 - III CAPÍTULO	8
4.1 - História dos Cabarés de Natal nas Décadas de 1960 e 1970	9
- A Cidade	9
- As Prostitutas	10
- Os Cabarés	12
5 - CONCLUSÃO	16
6 - BIBLIOGRAFIA	17

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa têm como tema a "História dos Cabarés de Natal nas Décadas de 1940 e 1950". A escolha de tal período se deve ao fato de que este abrange toda a fase da segunda guerra mundial, onde se concentra uma considerável quantidade de soldados norte americanos tendo em vista a instalação de uma base área militar no município de Parnamirim.

É portanto, a presença norte americana, que será o paradigma para as interpretações desta pesquisa que investiga uma possível transformação do comércio do sexo na cidade, que com a chegada dessa nova clientela gerou mudanças na constituição dos cabarés, a ponto de reedifmí-los passando de um caráter popular à aspectos de sofisticação, em resposta a uma freguesia de melhores condições financeiras.

Devemos salientar a falta de registros sobre o assunto abordado no período em estudo. As informações colhidas nesta pesquisa, deve-se à entrevistas gentilmente cedidas por pessoas ligadas a História dos Cabarés da cidade, no período pós-guerra (60 - 70), que apesar de não terem vivenciado diretamente a época pesquisada, tinham muitas informações apreciáveis sobre a mesma.

Por ter sido curto o prazo para a conclusão desta monografia, não foi possível um maior aprofundamento na nossa investigação.

Fica a proposta de posteriormente realizarmos com maior espaço de tempo, e dedicação adequada à investigação, que o tema exige, garantindo um trabalho mais substancioso.

I - CAPÍTULO

"A PROSTITUIÇÃO"

Uma questão importante a ser discutida é a definição social que recebe o termo prostituição. Etimologicamente falando refere-se a comercialização do sexo. Mas o que podemos constatar é que quanto mais cresce a emancipação feminina e a liberação sexual, cresce também as linhas demarcatórias da moral estabelecida pela nossa sociedade, onde uma moça pode ser considerada prostituta pelo simples fato de perder a virgindade ou ser adepta do amor livre, ao passo que mulheres vendem seus corpos para revistas masculinas e filmes eróticos ou até mesmo, casam exclusivamente por interesses econômicos e não recebem tal estigma.

Partimos da definição de prostituição como fenômeno cultural que assume formas variadas no tempo e espaço social, sendo portanto um fenômeno histórico.

Apesar de ter se constituído como uma prática constante nas diferentes sociedades, a prostituição na maioria das vezes foi vista pelo prisma da anormalidade, da conduta social desviante.

Na antigüidade, a prostituta chegou a exercer em algumas sociedades, maior status que a esposa, como é o caso das Hetairas Gregas, valorizadas pela sua inteligência, amplo conhecimento artístico e político.⁽¹⁾

Um exemplo da importância das Hetairas foi o relevante papel de Aspásia no século de ouro de Atenas, onde influenciou Péricles seu amante⁽²⁾, ao ponto em que hoje, muitos livros a tratam como sua legítima esposa.

(1) TANNAHILL, Reay. O sexo na história, pgs. 108-109.

(2) Ibid, pg. 109.

Em outras sociedades haviam cultos religiosos onde a figura da prostituta era sagrada, como no Egito, no qual prostitutas eram oferecidas aos deuses em rituais de fertilização.⁽³⁾

Com o cristianismo surge uma moral que vincula o sexo ao pecado, condenando as diferentes formas de práticas sexuais que se desviam da procriação, dentro das normas da família socialmente constituída. Há uma condenação do prazer carnal e conseqüentemente da prostituição. Em suas epístolas aos Coríntios e Timóteo, São Paulo admite o sexo apenas como prática reprodutiva para aqueles que não conseguem dominar o desejo da carne. O ideal cristão é o celibato.⁽⁴⁾

Entretanto santo Agostinho referia-se a prostituição como O escoadouro da imundice dos homens, necessário para a não proliferação do mal, dentre as respeitosas famílias.⁽⁵⁾ Neste sentido a prostituição é vista como um mal necessário.

É dentro deste contexto, que se fortaleceu os alicerces da moralidade cristã, que tende a separar a "prostituta" da "esposa do lar" como se ambas não fizessem parte de um jogo manipulador dos homens que regem tais sociedades. Colocando a prostituição como um aspecto da condição feminina, excluem-se os homens de qualquer responsabilidade, como se eles não fossem os agentes principais deste comércio, visto que são os consumidores.

(3) *Ibid*, pg. 85.

(4) ARIES, Philippe. São Paulo e a carne, In: *sexualidades ocidentais*, pgs 50-53.

(5) TANNAHILL, Reay. *Ópus crí.*

II - CAPÍTULO

"OS CABARÉS"

Casas de importância fundamental na organização e formação comercial da prostituição é o principal objeto da nossa investigação. Localizados à margem da respeitabilidade social, constitui-se no esgoto onde se despeja a imoralidade comum a carne, daí a sua necessidade de subterfúgio. No século III a.C. os mantenedores de bordeis gregos pagavam uma taxa anual ao estado. No entanto, era comum a prostituição de rua.⁽¹⁾

Na China, durante o século XIX os cabarés serviam não só para a prática do sexo, mas também, para relaxamento das responsabilidades e preocupações do dia à dia, com boa comida, música e bebida. Os proprietários de bordeis chineses faziam parte de associações comerciais, pagavam tributos ao governo e recebiam proteção à outros empreendimentos comerciais.⁽²⁾

Haviam três tipos de bordeis: o wa-shê, estabelecimento barato do governo, para soldados, marinheiros de baixo nível, e pobres em geral; as Casas de vinho, algumas controladas pelo departamento do tesouro público e destinadas unicamente ao pessoal do governo; e o bordel de alta classe, patrocinado por funcionários de categoria, mercadores ricos, escritores e artistas.⁽³⁾

Ainda no século XIX, uma prática que tornou-se comum em New Orleans (E.U.A.) foi o catálogo de cabaré, que exaltava-os, como também suas prostitutas.⁽⁴⁾ Em meados deste, o número de contágio de doenças sexualmente transmissíveis, cresceu consideravelmente criando uma luta dos médicos contra as prostitutas. Muitos bordeis foram fechados.⁽⁵⁾

(1) TANNAHILL, Reay. O sexo na História, pgs 111 - 112.

(2) Ibid, pg. 205.

(3) Ibid, pg. 207.

(4) Ibid, pg. 393.

(5) Ibid, pgs. 396 - 401.

No Brasil entre os anos de 1870 e 1930, registra-se um grande afluxo de polacas, como eram chamadas as jovens trazidas da Europa Oriental, pela Zwi Migdal.⁽⁶⁾

Organização internacional de traficantes judeus, com agentes no Brasil, a Zwi Migdal percorria as aldeias judaicas da Europa Oriental, onde seus representantes apresentavam-se como comerciantes estabelecidos na América do Sul, em busca de uma esposa, que acabavam sendo negociadas com os cabarés brasileiros e de demais países.⁽⁷⁾

A maioria destas moças desembarcavam no Brasil sem saber que seriam obrigadas a se prostituírem. Em uma terra estranha, de língua desconhecida, não lhe restavam outra opção. O destino da maioria delas era Buenos Aires, onde a Zwi Migdal chegou a controlar três mil bordeis. Outros pontos de desembarque eram Montividéu, Rio de Janeiro e São Paulo.⁽⁸⁾

Este tráfico entrou em crise em 1930, quando a polícia Argentina desbaratou a Zwi Migdal. No Brasil durante o governo Vargas (1930-45) é que foram expulsos, a maioria desses traficantes.⁽⁹⁾

⁽⁶⁾ RAGO, Margareth. Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890 - 1930.

⁽⁷⁾ KUSCHNIR, Beatriz. As polacas do Brasil, Isto É, 02 de 12 de 1992, nº 1209.

⁽⁸⁾ Ibid.

⁽⁹⁾ Ibid.

III - CAPÍTULO

"HISTÓRIA DOS CABARÉS DE NATAL NAS DÉCADAS DE 1960 E 1970"

Por falta de registros sobre o período pesquisado, a nossa investigação deu-se, através de entrevistas com pessoas conhecedoras da História dos cabarés de Natal nas décadas de 60 e 70. Que segundo elas foi este, o período de glória e decadência dos cabarés da cidade.

Compreendem os mesmos pelas informações que possuem, não só de ouvir falar, mas como também, por terem sido contemporâneos desta época, que as décadas de 40 e 50, serviram de impulso para o desenrolar desta História que têm nos períodos de 60 e 70, uma época de luxo, festa e derrocada.

1) A CIDADE:

Natal constituía-se uma cidade de pequeno porte, que com o advento da 2ª guerra mundial, recebeu a instalação de uma base militar norte americana, no município de Parmamirim, resultado dos laços de amizade entre o Brasil e os Estados Unidos da América.

Nestas circunstâncias, Natal que tinha entre os anos de 1939 à 1945, 50.000 habitantes⁽¹⁾, recebe um grande contingente de soldados norte-americanos. É portanto dentro deste contexto que se desenvolve a História dos cabarés da cidade, desempenhando importante papel, no que se refere a diversão proporcionada ao grande número de soldados existentes, como também do restante da população masculina. Assim como, serviam de proteção às famílias natalenses, cujas donzelas seriam preservadas do numeroso assédio masculino, que ali se constatava.

(1) SMITH JR, Clyde. Trampolim para a vitória.

No ano de 1950, Natal contava com apenas duas grandes lojas: A Graciosa e a Círia; uma loja de perfume, A Tique-taque; e os armazéns Chaves e Vitória, eram os supermercados chiques da época. Havia a confeitaria Cirne, a sorveteria Cruzeiro; o Café Maia e o São Luís; restaurantes muito alinhados, chamados: Acapulco e Bolero; e alguns barzinhos, que fechavam às 22:00 horas, ficando a cidade sem nenhum movimento, a não ser, o de seresteiros pelas calçadas, e o dos cabarés, que era para onde iam a maior parte dos homens da cidade, lotando-os de segunda à segunda.

Já no período pós-guerra, Natal contava entre os anos de 1970 à 1980, com cerca de 416.000 habitantes.⁽²⁾

2) AS PROSTITUTAS:

Vindas de camada social pobre, elas tinham na prostituição, um meio de fuga para sua condição de pobreza, na qual muitas delas ajudavam as famílias no sustento do lar.

Com o crescimento do comércio do sexo na cidade, houve um grande afluxo de mulheres à procura de emprego nas casas de prostituição, e com elas surgiram as chamadas prostitutas camufladas (mulheres casadas, bem empregadas ou de programa, que vinham de lugares como, Bahia, Pernambuco e até São Paulo; pra conhecer a cidade e aqui chegando, conheciam a fama de Maria Boa, casa mais luxuosa da cidade, e por lá ficavam à fazer salão). Passavam o final de semana, regressando na segunda-feira, às suas devidas cidades.

As prostitutas vestiam-se com elegância, eram finas e educadas. Sabiam sentar à mesa, servir-se e comporta-se e eram muito bonitas e vaidosas. Em

⁽²⁾ SMITH JR, Clyde. Trampolim para a vitória.

muitos cabarés elas não faziam nenhum tipo de trabalho que não fosse reservado ao salão. Não podiam alugar quartos, freqüentar clubes e restaurantes, diferindo de hoje onde moram e têm acesso à qualquer ambiente.

A educação era uma qualidade essencial à prostituta, por isso havia uma preocupação dos proprietários de cabarés em educar as moças que ali chegavam, quando estas não tinham condições de comportarem-se adequadamente.

A arregimentação das prostitutas era feita das cidades do interior do Estado e Estados vizinhos. Muitas mulheres chegavam sem nada, mas eram logo devidamente produzidas para o ofício. Tamanha era a produção que não se reconhecia à noite, as que chegavam pela manhã.

Ao chegarem à uma cidade os proprietários de cabarés, hospedavam-se nas boates que lá existiam. O resgate das mulheres era feito com a ajuda de funcionários dos estabelecimentos do qual elas faziam parte, que recebiam gorjetas para levá-las a presença dos interessados.

Não à referências a arregimentação de prostitutas estrangeiras na cidade, salvo, algumas portuguesas e bolivianas, que por aqui tiveram. Fala-se até de uma portuguesa, de nome Deolina, que foi proprietária de algumas casas, dentre elas, A Coimbra.

Ao contrário de hoje, não era permitida a prostituição de rua, por isso quando a polícia pegava alguém fazendo ponto, recolhia à prisão imediatamente.

Em nenhuma hipótese era permitida a prostituição de menores. Os cabarés tinham a maior preocupação de não empregarem moças nessas condições, pois teriam como pena o fechamento dos respectivos estabelecimentos.

As prostitutas tinham como diversão, ir ao cinema, passear a tarde no grande ponto, e andar de carro com os amantes.

Eram obrigadas ir à modistas, fazerem dois vestidos por semana; Ao cabeleireiro, duas vezes na semana; e ir a manicure todos os sábados. As religiosas podiam freqüentar à missa, pois a igreja não colocava impecilho, à presença delas.

As prostitutas eram fichadas na polícia onde recebiam uma caderneta de controle, que tinham de levar mensalmente a delegacia pra serem atualizadas. Nesta caderneta, constava sua foto, nome, o cabaré que trabalhava, e a sua procedência.

Este controle policial era muito eficaz, quando acontecia casos de roubos envolvendo prostitutas, que através das fichas eram facilmente identificadas, dando assim mais segurança à clientes, proprietários e a elas próprias.

Outro controle de grande importância, era o relacionado à segurança higiênica das mulheres. Uma vez por mes elas tinham que fazer exame na saúde pública, pois o número de doenças sexualmente transmissíveis se alastrava, principalmente nos cabarés de nível popular. Não havia controle sanitário das casas, apenas fiscalização da comida servida no cabaré, que era feita pelo delegado quando visitava-os.

Havia fortes laços de amizade e confiança entre prostitutas e clientes, que iam aos cabarés se divertirem e extravazarem os problemas familiares e profissionais do dia à dia. (1) fonte

3) OS CABARÉS:

Eram registrados na delegacia de costumes, que tinha normas pré-estabelecidas para o funcionamento das casas.

Segundo as normas da polícia os bordeis tinham que: localizar-se a margem da sociedade, onde não houvesse residências familiares; as prostitutas não

podiam exercer sua profissão fora dos limites do cabaré; os muros das casas tinham que ser altos; e o som era ligado à partir das 20:00 e desligado às 02:00 horas da manhã. Os bordeis tinham uma luz vermelha que servia de aviso aos clientes, para o início da jornada noturna. Essa luz era acesa à partir da 20:00 horas com a permissão do delegado, Responsável pela delegacia de costumes, que designava quem deveria acender a luz, se alguém do cabaré ou um de seus agentes.

Outra norma estabelecida pela polícia, referia-se a proibição da entrada e permanência de menores nas casas.

No período anterior a imigração norte americana para Natal, os cabarés que até então existiam, apresentavam um caráter popular em sua maioria. Com a chegada de uma nova clientela de melhores condições financeiras, houve um grande incentivo na redefinição dessas casas, que tomaram aspectos de sofisticação, em resposta a essa nova freguesia.

Os cabarés, eram muito luxuosos e requintados cuja clientela era selecionada entre as classes média e alta.

Dentre os principais cabarés da cidade, destaca-se o de "Maria Boa" casa de alto luxo, possuía orquestra e um requintado padrão de qualidade, sendo por isso freqüentada por políticos, oficiais, coronéis e a alta burguesia. Situava-se próximo ao centro da cidade, onde permanece até hoje.

Havia outros cabarés, na qual devemos destacar, como: A Francisquinha do Arpege, Pensão Ideal, Alabama, Rosa de Ouro, Coimbra, Plaza, Maria Rosa, Zefa Paula, Alaíde e Otávio.

A maioria destas casas se encontravam nos bairros da Ribeira, Rocas, e também Lagoa Seca, onde haviam as casas de Rita Loira e Virgínia.

Para aqueles que não tinham condições financeiras de freqüentarem as casas de luxo, haviam os bordeis de nível popular na rua 15 de novembro e no beco da Quarentena, localizados no bairro da Ribeira; os barzinhos do

Palácio dos Esportes, onde em época de carnaval as prostitutas produziam desfiles de fantasia; os bares do bairro do Alecrim e das quintas; e uma casa de baile muito famosa na época que ficava na rua Frei Miguelinho, na Ribeira, denominado "O francesinha". (fome)

Alguns cabarés tinham leões-de-chácara, enquanto outros, bonificavam policiais pra darem atenção especial às referidas casas. Mas o relacionamento entre clientes e cabarés no sentido geral era bastante amigável, e a segurança apresentada pela policial também oferecia tranquilidade suficiente para a relação entre ambos. Por isso, os jornais da época pouco falavam dos bordeis, pelo fato de só referirem-se à eles, no sentido de divulgar possíveis escândalos.

Segundo os entrevistados, além da saída definitiva dos norte americanos reduzindo o afluxo de dinheiro na cidade, houve outros fatores que contribuíram para a decadência do comércio do sexo em Natal. Dentre os fatores estavam, o surgimento das boates na estrada da praia de Ponta Negra, o surgimento de mótéis, até então escassos, e as dificuldades financeiras passadas pelo país, refletidas na realidade de proprietários e clientes.

Ao encerrarmos este relato, não podemos deixar de falar, de uma pessoa importantíssima dessa história, que foi o Sr José Laurentino.

Delegado da delegacia de costumes, nos períodos de 1965 à mais ou menos 1975, José Laurentino mostrou-se um homem de personalidade forte e muita fibra. Era ele, o responsável por toda a segurança do comércio do sexo na cidade, cuja gestão, ainda lhe rende nos dias de hoje, elogios pelo brilhante desempenho no seu trabalho.

Homem de grande sensibilidade humana, José Laurentino não se conformava com a situação de vida das prostitutas, principalmente daquelas, que mantinham relacionamento com gigolôs.

Desenvolveu então, um trabalho de conscientização e valorização humana, com a iniciação de uma nova atividade profissional através de trabalhos artesanais, tais como: bordado, pintura, corte-e-costura e confeccionamento de flores. Mobilizou o comércio em busca de aparatos materiais, nos quais: uma máquina de costurar, bancas e mesas, além de doar papéis para esta prática.

Concomitante a esta, orientou a alfabetização das prostitutas, assim como a abertura de cadernetas de poupança, objetivando romper a relação de exploração que os gigolôs mantinham sobre elas. Muitas dessas mulheres chegaram até a comprar casas com o dinheiro que depositavam, enquanto outras cediam a paixão dos amantes, a quem davam parte deste dinheiro. Fato que contrariava bastante o Sr. José. Muitas comissões policiais vieram de outros estados, como Rio de Janeiro e São Paulo, conhecer o trabalho do delegado de costumes, com o intuito de tomá-lo como exemplo.

O que mais surpreendia a todos, era o fato de José Laurentino não possuir grau superior, e mesmo assim obter tanto conhecimento.

Visto como um pai pelas prostitutas, o delegado tratava-as com apreço e consideração, sem tirar nenhum proveito próprio. Preocupava-se com o bem estar das mesmas, dando assistência médica em casos de doenças graves, e auxílio, durante o período de gravidez. Não aceitava nenhum tipo de exploração às prostitutas, quer por parte dos gigolôs, quer por parte das cafetinas.

Nas noites de Natal, José Laurentino organizava festas com as prostitutas, no qual participavam sua mulher, sua filha e seu genro. Foi portanto neste clima de amizade e confiança que mantinham-se os laços entre, a polícia e essas mulheres.

CONCLUSÃO

Apesar das dificuldades encontradas na coleta de dados da época em estudo, o material até agora levantado, nos leva a crer, que a nossa hipótese, de que a presença americana na cidade de Natal durante a 2ª guerra mundial gerou transformações no comércio do sexo, a ponto de redefinir os cabarés da cidade, que até então apresentavam um caráter popular, passando a tomar aspectos de sofisticação em resposta a uma nova clientela de melhores condições financeiras. Assim como, provocou o afluxo de pessoas que imigraram para Natal, aumentando a circulação de dinheiro, e incentivando a economia, e o comércio da cidade, refletindo na urbanização, e fortalecimento de uma classe média urbana. É verdadeiramente justificável, dada as informações obtidas nas entrevistas realizadas com pessoas ligadas ao tema pesquisado.

Procuraremos posteriormente enriquecer tal hipótese, através de um maior aprofundamento desta pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÉS, Philippe. São Paulo e a carne, In: ARIÉS, Philippe; BÉJIN, André. Sexualidades Ocidentais. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1985. pgs. 50 - 53.
- CASCUDO, Câmara. História da cidade do Natal. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1980.
- CLEMENTINO, Maria do Livramento. Dinâmica da economia urbana de Natal. Natal, UFRN. Relatório de Pesquisa.
- FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade do saber. Rio de Janeiro, 5ª edição, Editora Graal, 1984.
- KUSCHNIR, Beatriz. Polacas do Brasil, In: Isto É. 02 de 12 de 1992, Nº 1209.
- RAGO, Margareth. Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890 - 1930. Rio de Janeiro, Ed. Paz e terra, 1991.
- SMITH Jr, Clyde. Trampolim para a vitória. Natal, UFRN. Ed. Universitária, 1992.
- SOARES, Luis Carlos. Rameiras, ilhoas, polacas...A prostituição no Rio de Janeiro do século XIX. São Paulo, Ed. Ática, 1992.
- SOUZA, Itamar. Migrações para Natal. Natal, Ed. Universitária, 1978.
- TANNAHILL, Reay. O sexo na história. Rio de Janeiro, Ed. Francisco Alves, 1993
- Urbanização de capital comercial do nordeste. Campinas, 1990. (Tese de Doutorado UNICAMP).

